

EÇA DE QUEIRÓS REVISITADO NO SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS

Cristiane Navarrete Tolomei¹

INTRODUÇÃO

O diálogo entre jornalismo e literatura ocorre com frequência desde o século XIX. Grandes personalidades das letras marcaram presença na imprensa antes de se consolidar como escritores ficcionais tais como Machado de Assis, no Brasil, e Eça de Queirós, em Portugal. Desse modo, a literatura surge na imprensa não somente por meio de textos literários (poesia, crônica, contos), mas também nos espaços dedicados à análise e crítica literária e do cotidiano (resenha crítica, ensaio, entrevista, artigo de opinião).

O periódico que trata da literatura é chamado de jornalismo cultural e abre espaço para discutir cinema, música e artes plásticas de forma mais duradoura e se distancia dos cadernos de economia e política, por exemplo, os quais apresentam uma sobrevivência em curto prazo. À vista disso, por ter uma existência mais longa, o jornalismo cultural visa a manusear o conhecimento por meio de uma atitude mais “analítica” e não apenas “informativa” e “descritiva” como os demais, o que a possibilita reviver informações passadas, revisitando, no caso, grandes escritores.

Em vista disso, o presente texto é um recorte das pesquisas realizadas pelo “Grupo de Estudos e de Pesquisa Literatura e Imprensa” (GEPELI/UFMA/CNPq/FAPEMA), que se preocupa com a identificação e organização em meio impresso e digital de jornais e revistas circunscritos ao território brasileiro. Realizamos a catalogação e análise de material acerca da presença da literatura portuguesa nos periódicos brasileiros com o intuito de verificar as questões literárias, historiográficas e biográficas em torno dos

¹ Professora adjunta de Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão, campus III. Coordenadora do Grupo de Estudos e de Pesquisa Literatura e Imprensa (GEPELI/UFMA/CNPq). E-mail: cristiane.tolomei@ufma.br.

escritos e escritores portugueses para poder compreender o contexto de produção e publicação do período e observar a atuação dos autores portugueses na/para formação da literatura brasileira.

Para este texto, apresentamos o resultado de pesquisa sobre as perspectivas críticas acerca do escritor português Eça de Queirós na seção “Ensaio” do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, entre 1966 (data da primeira publicação) a 2016, isto é, percorremos 50 anos de jornal e encontramos 31 ensaios sobre o autor português apenas na primeira fase do periódico, ainda sob responsabilidade da Imprensa Oficial de Minas Gerais, entre 1966 a 1992. Curiosamente e infelizmente, o *SLMG* não publicou nenhuma página nos decênios de 1990 e 2000 sobre Eça, contrariando as nossas expectativas. Todavia, publicou textos de grande qualidade para serem inseridos na fortuna crítica queirosiana brasileira.

Notamos com a pesquisa ao periódico que a ausência do realismo português e, de forma mais específica, de Eça de Queirós, nos últimos 20 anos, se deu pelo interesse maior pela produção literária brasileira modernista e contemporânea. Na verdade, esperávamos com ansiedade as comemorações em torno dos centenários de *O Crime do Padre Amaro* (1976), de *Os Maias* (1988), da morte do escritor e de *A Ilustre Casa de Ramires* (2000) e, por último, de *A Cidade e as Serras* (2001), contudo, nada foi escrito a respeito dessas efemérides. Enquanto outros jornais comemoravam essas datas como foi possível verificar em outras pesquisas do GEPELI em *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e de vários periódicos maranhenses, o *SLMG* se calou diante de datas tão significativas da literatura de língua portuguesa.

Para a realização desta pesquisa, mesmo apresentando problemas técnicos na sua página da internet, utilizamo-nos da coleção eletrônica do *Suplemento Literário de Minas Gerais*. O projeto “*Suplemento Literário - Preservação, digitalização e microfilmagem do acervo, de 1966 a 2004*” desenvolvido, desde 1997, pela Biblioteca da Faculdade de Letras (FALE), da Universidade Federal de Minas Gerais, possibilitou a consulta eletrônica do periódico, uma vez que indexou, digitalizou e microfilmou 1.282 fascículos, abrangendo o período de setembro de 1966 a setembro de 2004. A partir de então, 22 textos publicados no *Suplemento* desde a década de 1960 até setembro de 2004 podem ser consultados, copiados e/

ou impressos via internet. O levantamento do *corpus* também se deu de forma presencial com visitas à coleção literária e cultural da Secretaria Estadual de Cultura, de Minas Gerais e à coleção de obras raras da biblioteca da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Logo, apresentamos, a seguir, um breve percurso do *Suplemento Literário de Minas Gerais* e a recepção crítica a respeito de Eça de Queirós no período pesquisado. Ressaltamos que este estudo se justifica por constituir uma dupla contribuição: de um lado, traz reflexões acerca de Eça de Queirós no *Suplemento Literário de Minas Gerais*; por outro lado, os resultados obtidos do *corpus* trazem, certamente, um conjunto de subsídios para novos ângulos de análise e interpretação da obra ficcional do autor português.

SLMG: UMA VOZ IMPORTANTE DO JORNALISMO CULTURAL BRASILEIRO

Os jornalistas especializam-se em política, economia, cultura, ciência, educação e mais do que meramente descrever os assuntos, realizam, em vários momentos, análises e interpretações. Em vista disso, podemos dizer, de alguma maneira, que a imprensa brasileira de referência – mensal, quinzenal, semanal e diária –, implementou um modelo especializado e analítico de jornalismo. Um jornalista especializado domina melhor as temáticas e tem qualificação para interpretar e analisar os acontecimentos que noticia, exatamente, como ocorre no *Suplemento Literário de Minas Gerais* _SLMG_, de Belo Horizonte.

Quando foi criado em 3 de setembro de 1966, o *Suplemento Literário de Minas Gerais* era publicado semanalmente numa tiragem de 27 mil exemplares, como encarte das edições de sábado do jornal institucional do Estado, o *Minas Gerais*, o que perdurou até 1992. Os primeiros redatores da publicação foram Murilo Rubião, Laís Correa de Araújo e Ayres da Mata Machado Filho, tendo inúmeros colaboradores, entre escritores e críticos renomados, como também os jovens que acabaram formando o grupo da “Geração Suplemento”.

O *SLMG* surgiu no Governo de Israel Pinheiro a partir de uma necessidade regional de levar informações para aproximadamente

200 municípios de Minas Gerais, os quais não recebiam jornais ou notícias do seu estado e do país. O jornal que chegava a essas localidades era o *Minas Gerais*, órgão oficial, o qual trazia em suas páginas leis, decretos e atos administrativos. Diante da escassez de informações e de cultura no *SLMG*, o governador solicitou ao diretor da Imprensa Oficial, Raul Bernardo de Senna, que organizasse uma seção de notícia e outra de literatura.

O escritor mineiro Murilo Rubião, ao tomar conhecimento dessa decisão de Israel Pinheiro, sugeriu a criação de um suplemento literário. Um mês depois, no dia 03 de Setembro de 1966, surgia como encarte do Diário Oficial do Estado o primeiro número do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, tendo Murilo Rubião como secretário da publicação e Paulo Campos Guimarães na direção da Imprensa Oficial.

No texto de “Apresentação”, do número de inauguração, as diretrizes do suplemento foram apresentadas ao público-leitor, orientações que perduram há 50 anos:

Cumprindo mais uma etapa de seu atual programa de renovação, o “Minas Gerais” lança hoje o “Suplemento Literário” de publicação semanal e que circulará regularmente com a edição de Sábado. A função profícua de “Órgão Oficial dos Poderes do Estado” em nada contraria o propósito de apresentar este jornal caráter mais amplamente informativo como os outros [...] Na sua simplicidade, o título escolhido para esta nova seção do “Minas Gerais”, contém o essencial de um programa consciente. Deliberamos reivindicar a importância da literatura, freqüentemente negada ou discutida. Para começar tomamos o termo na acepção mais ampla. Nessa ordem de idéias, o “Suplemento Literário” vai inserir não só poesia, ensaio e ficção em prosa, mas também a crítica literária, a de artes plásticas, a de música. Sem negligenciarmos os aspectos universais da cultura, queremos imprimir a estas colunas feição predominantemente mineira, assim no estilo de julgar e escrever, como na escolha da matéria publicável (*SLMG*, 1966, p. 2).

Conforme o programa publicado no exemplar número 1, o *SLMG* divulga o seu objetivo de acolher em suas páginas tanto colaboradores ilustres das letras brasileiras e estrangeiras, como

também ser um local de abertura aos novos escritores e críticos. Ademais, mesmo tendo como foco a divulgação da produção cultural e literária de Minas Gerais, o *SLMG* também divulgou, de forma significativa, a literatura estrangeira, especialmente, a de língua portuguesa como foi possível verificar na intensa publicação sobre a literatura portuguesa e africana de língua portuguesa desde a sua criação até hoje.

Após um ano de existência, o *SLMG* estava bem vivo e a primeira página surge intitulada “Um ano de participação e diálogo”, ilustrando a conquista do período. Também publicaram um encarte especial, comemorando o primeiro ano de *SLMG*, simbolizando a força e a união do grupo mineiro.

No Editorial do número comemorativo, mais uma vez foram colocadas ao leitor as intenções do *SLMG*, dando destaque à cultura e à literatura brasileira, em especial, a mineira.

Desde o início procuramos valorizar a autêntica literatura e permanecermos abertos, embora sem concessões, aos fatos novos que assinalam a atual etapa do processo vivo das letras e das artes no país e no mundo. Em verdade, o que o SUPLEMENTO LITERÁRIO realizou ao longo do seu primeiro ano de circulação não foi outra coisa senão o objetivo de tornar presente no panorama da cultura brasileira a participação mais efetiva de Minas, através de um diálogo em que nós mineiros, ao mesmo tempo que fizéssemos ouvir a nossa mensagem, recebêssemos em troca a contribuição de outras vertentes do pensamento e do espírito criador, representativas dos diferentes centros intelectuais que se situam além de nossas fronteiras. Dentro dessa orientação, evitamos centralizar a nossa atividade numa direção regional e particular (*SLMG*, 1967, p. 1).

As comemorações foram sucessivas e as transformações do *SLMG* também foram ocorrendo. Na publicação dos 15 anos do suplemento, em setembro de 1981, a primeira página traz as 14 anteriores, comemorando anualmente a presença sólida e marcante do *SLMG* no país. Outro momento comemorativo e importante do *SLMG* foi marcado pela publicação do número 1.000 com a maior quantidade de páginas até então, 40 no total, do dia 30 de

Novembro de 1985. E o conteúdo dessa publicação dos mil números girou em torno das capas e textos polêmicos que tinham dominado as páginas do *SLMG* até aquele momento. Ademais, uma homenagem ao grande mentor do suplemento, Murilo Rubião. Nos anos 60, 70 e 80, apesar de sempre haver mudanças entre os colaboradores, o *Suplemento* contou com um grupo permanente, assim, muitas matérias continuavam por vários números. O grupo inicial, além de Rui Mourão, Ayres da Mata Machado Filho, Bueno de Rivera, Emílio Moura, Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo contava com Fábio Lucas, Humberto Werneck, Carlos Roberto Pellegrino, Valdimir Diniz, João Paulo Gonçalves da Costa, Jaime Prado Gouvêa, Francisco Iglesias, Adão Ventura, Paulinho Assunção e tantos outros que foram entrando e saindo no decorrer das publicações e do crescimento do periódico.

O *SLMG* circulou, desde sua primeira publicação até 1988, com o mesmo formato de 40 x 26 cm, alternando apenas o número de páginas entre 12 a 16. O número de colunas variava entre três e cinco. A partir de 18 de julho de 1986, o *Suplemento Literário*, que era de circulação semanal, passou a ser quinzenal, no primeiro e terceiro sábado de cada mês, publicado com um número que variava entre 12 e 20 páginas, nas quais se destacavam os artigos de crítica e de criação literária, além de ter um espaço reservado ao teatro, à música, ao cinema e às artes plásticas.

Antes da modernização do *SLMG*, ainda na década de 1980, as páginas não tinham uma divisão muito clara. As matérias apareciam misturadas, os textos eram numerosos, longos e escritos com letras de tamanho pequeno. Esta diagramação dificultava a leitura e as páginas apresentavam-se muito cheias.

Melhor qualidade gráfica, mais presteza na publicação, simplificação ponderável, racionalização do trabalho, significativa economia de gastos, eis algumas das vantagens do sistema ofsete. Lançando agora o primeiro número do Suplemento Literário com o novo feitio, a Imprensa Oficial está desejando apresentar uma amostra de como será o “Minas Gerais” impresso em ofsete (*SLMG*, 1980, p. 1).

É importante salientar que o *Suplemento Literário de Minas Gerais*,

até início da década de 1990, circulava como encarte do Diário Oficial do Estado, daí o nome Suplemento Literário do “Minas Gerais”, pelo qual ficou conhecido popularmente. Em 1994, desliga-se da publicação do Diário Oficial, tornando-se um Suplemento autônomo, editado pela Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, por intermédio da Superintendência de Publicações e do Suplemento Literário. A partir daí, denomina-se *Suplemento Literário de Minas Gerais*, impresso com o apoio da Imprensa Oficial do Estado.

Em julho de 1994, a primeira capa ilustra nitidamente essa modificação e surge de forma simbólica a imagem de D. Quixote de la Mancha, guiando os primeiros passos desse novo formato do *SLMG* que, mesmo com mudanças estruturais no início do século XXI, mantém as diretrizes dessa segunda fase do periódico.

Em 2011, para comemorar os 45 anos do *SLMG*, houve uma exposição intitulada “45 anos do *SLMG*: uma história através das capas” – que reuniu algumas das “primeiras páginas” de edições especiais, ao longo dos anos. A montagem da exposição, no Palácio das Artes, foi feita pela Superintendência de Museus e Artes Visuais. Durante o evento, lançaram a edição 1.337 da segunda fase do periódico (julho/agosto), que contém o dossiê 45 anos do *SLMG*.

Atualmente, com periodicidade bimestral e com um *designer* mais arrojado, o *Suplemento Literário* é editado pelo escritor **Jaime Prado Gouvêa** e o conselho editorial é formado por Eneida Maria de Souza, Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Carlos Wolney Soares e Fabrício Marques. Além disso, é composto por duas diretorias: 1) **Diretoria de Apoio Técnico à Produção do Suplemento Literário**, que tem por finalidade gerir as atividades de edição e distribuição do jornal, bem como propor, formular e executar programas de divulgação e promoção do *SLMG*; 2) **Diretoria de Promoção e Articulação Literária**, que tem por finalidade gerir o “**Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura**”.

O *SLMG* é um dos grandes destaques do jornalismo cultural no Brasil. Sua importância deriva não só como órgão de efetiva produção literária de um período da literatura brasileira, como também da literatura portuguesa, uma vez que mesmo sendo criado para suprir a falta de notícias em regiões mineiras, onde não

chegavam jornais, funciona até hoje como um espaço de publicação da produção cultural e literária de língua portuguesa. Nesse sentido, comprovamos nos 50 anos percorridos, em especial na primeira fase do *SLMG*, a presença marcante da Literatura Portuguesa e de nomes como Camões, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Fernando Pessoa, entre muitos outros, privilegiando a maneira como esses escritores enalteciam com sua literatura a nação portuguesa e seu idioma.

Podemos salientar também que o *Suplemento Literário de Minas Gerais* foi muito além de suas incumbências iniciais que era levar cultura a certas regiões mineiras e passou a configurar um espaço universal e, acima de tudo, legítimo para a expressão dos escritores brasileiros, portugueses e africanos de língua portuguesa. Como porta-voz da cultura e da literatura, o *SLMG* recebeu de braços abertos os intelectuais e escritores lusitanos, que ganharam um papel fundamental no periódico, divulgando e sendo divulgados, como no caso de Eça de Queirós, quem no passado nos apresentou a verdade sob o manto da fantasia e que modernamente passa a ser desvendado pelo manto do jornalismo mineiro.

EÇA DE QUEIRÓS É DESTAQUE NO BRASIL

O escritor português José Maria Eça de Queirós (1845-1900) é uma figura que ocupa há muito tempo e de forma ininterrupta o centro da vida cultural brasileira. Desde que surgiu ainda jovem na *Gazeta de Portugal* e na *Revolução de Setembro*, em 1866, a escrita queirosiana passou a ser comentada de forma instigante e curiosa como é possível notar em uma das primeiras críticas realizadas ao autor pelo fundador da *Gazeta*, Teixeira de Vasconcelos: “Tem talento este rapaz, é pena ser completamente doido, ter estado em Coimbra, meter nos seus contos, sempre, dois cadáveres amando-se num banco do Rocio, e.... escrever francês!” (REIS, 1970, p. 8).

Os primeiros escritos de Eça causaram alvoroço em diversos periódicos na sua época tanto pelo fato de ele cultivar uma linguagem inovadora quanto por mesclar características de Hugo, Baudelaire e Heine. Quem destacou essa repercussão negativa do público intelectual às inovações de Eça das últimas décadas do século XIX foi o queirosiano Clóvis Ramallete (1960):

Lançando-se como folhetinista, pelas colunas famosas da *Gazeta de Portugal*, Eça levantou sobre si uma onda de riso. Escrevia numa linguagem nova, afrancesada, tumultuosa. Seus folhetins hoffmaneanos criavam mundos de fantasia demente, de quimera delirante. Neles vogavam germanismos tomados de empréstimo a Heine, envoltos em véus brancos e fofos de abstração – druidas, Margarida e Fausto, cerveja de Heidelberg, baladas da Turíngia e o abade de Trithem “vendendo a alma pelo segredo da circulação do sangue”. Foi um coro de risadas! Ele, porém, seguiu indiferente, com uma convicção imperturbada e invejável (RAMALHETE, 1960, p. 46-47).

Contudo, a crítica jornalística mais significativa até o momento acerca das publicações de Eça, especialmente *O Crime do Padre Amaro* (1876) e *O Primo Basílio* (1878), foi a do escritor brasileiro Machado de Assis nas páginas de *O Cruzeiro*, em 16 de abril de 1878, a qual iremos retomar mais adiante.

Dessa forma, após a publicação do Machado no periódico carioca, Eça conseguiu um lugar de destaque no cenário brasileiro, ganhando muitos admiradores, seguidores e, sem dúvida, opositores.

Já no início do século XX, embora marcado pelo Modernismo com o lema “morte ao passadismo”, tanto em Portugal como no Brasil, Eça foi a grande imagem da vida literária e cultural, sendo foco de fervorosos debates, conflitos e elogios em diferentes periódicos daquele momento. Segundo Ramalhete, o autor português se revelava na presença invisível a imagem mais presente do que nunca para a crítica e ao público leitor.

A verdade é que o público leitor dispensa teorias de correntes estéticas para achar Topsius engraçado ou Pacheco uma boa descoberta. Eça de Queirós continuou das vitrinas para as mãos de todos os tratamentos. Caminhou ao encontro das mais diversas compreensões. E lá seguiu, ainda satisfazendo e fazendo rir, ou pelo trecho picante de *O Primo Basílio* que fez Oliveira Martins corar, ou pelo impagável Damaso assinando a retratação com João da Ega, ou pela forte beleza da vida de S. Cristóvão (RAMALHETE, 1960, p. 26).

A partir desse momento, de maneira ostensiva, Eça passou a

ocupar lugar de destaque nos diferentes periódicos e seu nome é pronunciado no cenário popular e intelectual não só em Portugal, mas no mundo todo, sobretudo no Brasil, até hoje.

ENSAIO: UM TERRITÓRIO MÚLTIPLO SOBRE EÇA DE QUEIRÓS

Os ensaios, enquanto sítios de significação, levam-nos a pensar na confluência texto (ordem da formulação), a memória (o interdiscurso) e a circulação dos sentidos (Orlandi, 2001). Também, sua estrutura não se configura na continuidade, mas sim na interrupção, na própria possibilidade de manter o conflito em suspenso. Para Adorno (2006):

Escreve ensaisticamente quem compõem experimentando; quem vira e revira seu objeto, quem o questiona e o apalpa, quem o prova e o submete à reflexão; quem o ataca de diversos lados e reúne no olhar de seu espírito aquilo que vê, pondo palavras o que o objeto permite vislumbrar sob as condições geradas pelo ato de escrever. (...). Sempre referido a algo já criado, o ensaio jamais se apresenta como tal, nem aspira a uma amplitude cuja totalidade fosse comparável à da criação (ADORNO, 2006, p. 35).

Nesse sentido, segundo Adorno, levar em conta o ensaio como forma está atrelado ao próprio conceito de ensaio como treino ou tentativa. A forma do ensaio, de acordo com as reflexões do autor supracitado, não pretende constituir-se na completude, ou seja, o ensaio não é um gênero no qual se pretende esgotar todas as possibilidades de análise de um fato ou problemática.

No *Suplemento Literário de Minas Gerais*, o ensaio tem um espaço importante no periódico, aparecendo desde a sua criação, sendo um local de sugestão e reflexão. Em relação aos ensaios sobre Eça de Queirós, de 1966 a 2016, encontramos no total 31 textos ensaísticos distribuídos em curtos a longos, ou que trazem títulos que exigem do leitor uma (re)significação, já que é necessário, em muitos casos, um retomada a discussões teóricas, contextuais e analíticas já comentadas nos estudos queirosianos anteriores ou

que estão em voga, isto é, o leitor dos ensaios do *SLMG* precisa recorrer a outras leituras para que ganhe em significados essa nova leitura dos textos ensaísticos do periódico mineiro.

Em relação ao exposto, a seguir um quadro mais detalhado acerca das produções ensaísticas sobre Eça no *SLMG* no período percorrido. As abreviações que aparecem no quadro representam a seguinte significação, quanto ao cabeçalho:

- P. = página em que foi publicado
- N° = número oficial estabelecido pela redação do referido suplemento

Quadro 1. Ensaios sobre Eça de Queirós no *SLMG*, de 1966 a 2016.

DATA	TÍTULO	P.	AUTOR	PALAVRAS- CHAVE	Nº
18/out./69	Sobre A cidade e as serras	02	Maria Lúcia Lepecki	Eça de Queirós, A Cidade e as Serras, realismo-naturalismo. O Mandarim. A Relíquia.	164
14/mar./70	Os cães do Padre Amaro	03 - 04	Heitor Martins	Eça de Queirós, O Crime do Padre Amaro, cães, romance.	185
04/jul./70	O mandarim	07	Edgard Pereira dos Reis	Eça de Queirós, O Mandarim, A Relíquia, A Ilustre Casa de Ramires.	201
08/dez./73	Um conto de Eça: José Matias (1)	08 - 09	Maria Lúcia Lepecki	Conto, José Matias, Eça de Queirós.	380
15/dez./73	Um conto de Eça: José Matias (2)	04	Maria Lúcia Lepecki	Conto, José Matias, Eça de Queirós.	381
22/dez./73	Um conto de Eça: José Matias - conclusão	08 - 09	Maria Lúcia Lepecki	Elementos da narrativa, José Matias, Eça de Queirós.	382
18/mai./74	A Cidade e as Serras - I	08 - 09	Maria Lúcia Lepecki	A Cidade e as Serras, Eça de Queirós.	403
25/mai./74	A Cidade e as Serras - II	06 - 07	Maria Lúcia Lepecki	A Cidade e as Serras, Jacinto, Eça de Queirós.	404
01/jun./74	A Cidade e as Serras - III	08	Maria Lúcia Lepecki	A Cidade e as Serras, Eça de Queirós.	405

08/jun./74	A Cidade e as Serras - IV	08 - 09	Maria Lúcia Lepecki	A Cidade e as Serras, Eça de Queirós, classe aristocrática, sociedade portuguesa.	406
19/out./74	Relendo o Eça	08	Paulo Hecker Filho	Eça de Queirós, maior escritor da língua.	425
02/ago./75	Uma possível fonte de A Relíquia	03	Joaquim Montezuma de Carvalho	Eça de Queirós, A Relíquia.	463
13/set./75	A ironia e o "humour" em Machado, Eça e Paço d'Arcos.	08 - 09	Hennio Morgan Birchal	Romance de costumes, Joaquim Paço d'Arcos, Eça de Queiroz, Machado de Assis.	469
05/ago./78	100 anos de O Primo Basílio	02	Lélia Duarte	Simpósio Comemorativo, O Primo Basílio.	618
30/set./78	O Primo Basílio e seu simpósio	01 - 02	Lélia Duarte	Simpósio, Centro de Estudos Portugueses, Centenário de publicação. O Primo Basílio.	626
30/set./78	Realismo e ideologia em O Primo Basílio	02 - 04	Letícia Malard	Eça de Queirós, O Primo Basílio.	626
30/set./78	A Estrutura Narrativa de O Primo Basílio	05	Naief Sáfady	Técnica de composição narrativa, O Primo Basílio.	626
30/set./78	O Primo Basílio e a Crítica Brasileira	06 - 10	Wilton Cardoso	O Primo Basílio, críticas, Machado de Assis.	626

30/09/78	Linguagem do Poder e Poder da Linguagem em O Primo Basílio, Lucíola e Terras de Sem Fim	11	Ruth Brandão Lopes Silviano Lopes	O Primo Basílio, Lucíola, Terras do Sem Fim.	626
30/set./78	Luísa ou a palavra manifesta - Emma Bovary ou a fruição do verbo	12	Cleonice Berardinelli	Primo Basílio, Madame Bovary, literatura comparada.	626
21/out./78	Centenário de lançamento de O Primo Basílio A Dessublimação em O Primo Basílio e Caetés.	08	Lauro Mendes Belchior Mendes	O Primo Basílio, Caetés, o papel da mulher.	629
11/nov./78	Eça de Queirós e Graciliano Ramos	08 - 09	Letícia Malard	Eça de Queirós, Graciliano Ramos, adultério.	632
18/nov./78	A Família Teatralizada: O Primo Basílio e Mastro - Don Gesualdo	08 - 09	Wander Melo Miranda	O Primo Basílio, Mastro Don Gesualdo, crítica, instituição familiar.	634

25/nov./78	O Primo Basílio e a Literatura Inglesa	08 - 09	Ian Linklater e Aimara Cunha Rezende	Literatura comparada, Eça de Queirós, George Eliot.	634
16/dez./78	A Relíquia e suas desproporções	05	Wilson Castelo Branco	A Relíquia, Eça de Queirós, Cristianismo.	637
19/mai./79	Anotações Didáticas sobre Eça de Queiros: Literatura Portuguesa	08 - 09	Vicente Ataíde	Divisão da obra, Eça de Queirós.	659
12/abr./80	A Tragédia da Rua das Flores	03	Lélia Parreira Duarte	Eça de Queirós, A Tragédia da Rua das Flores, Os Maias.	706
05/dez./81	Camilo e Eça: A cidade X A Província	05	Célia Berrettini	Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, novela, romance, cidade, campo.	792
03/jun./82	Aspectos formais e o conteúdo fantástico (Sobre A Relíquia e O Mandarim)	06	Pedro Carlos L. Fonseca	A Relíquia, O Mandarim, Eça de Queirós, realismo, fantasia.	818
08/jun./85	Eça de Queiroz, Relíquia e Santo	04 - 05	Guilherme Figueiredo	Eça de Queirós, A Relíquia, Conto, Santo.	975

07/set./85	Eça de Queirós Correspondente de Guerra	08	Elza Miné	Eça de Queirós, jornalista, correspondente de guerra.	988
------------	---	----	-----------	--	-----